

ROMPIMENTO INVENTARIADO: DE ENCONTROS, AFETOS E PAIXÕES

Karine Gonçalves Carneiro¹

Eu não estive lá. Não no momento em que ondas de lama foram atingindo cidades. Não no momento em que ondas de lama provenientes do rompimento da Barragem de Fundão, em Mariana, foram atingindo cidades. Não no momento em que ondas de lama provenientes do rompimento da Barragem de Fundão, em Mariana, foram atingindo cidades, comunidades, povoados, aldeias e destruindo vidas e modos de vida. Não no momento em que ondas de lama tóxica e jamais inertes, provenientes do rompimento da Barragem de Fundão, em Mariana, no dia 05 de novembro de 2015, foram atingindo comunidades, povoados, aldeias, cidades e destruindo vidas e modos de vida devido à negligência e à irresponsabilidade de empresas – Samarco/Vale/BHP Billiton – e do Estado em seus distintos níveis. Eu não estive lá quando o crime teve início, mas tenho estado lá e percebido que o fim desse crime é tão distante quanto presente.

Crime continuado que pretendo, neste ensaio, pontuar a partir de um pequeno inventário – pequeno porque não extenso o suficiente para abarcar dimensão tão complexa – de modo a permitir que a memória de meus encontros com as pessoas e lugares atingidos possam produzir afetações através de frases colhidas nesses momentos. Pequeno inventário de encontros que conduzem a um fazer sentir “como se eu estivesse lá”. Inventário também de memórias e de afetos. Afeto – modo de pensamento não representativo – que não apenas é único aos corpos que se encontram, mas que dependem inteiramente dele, do encontro, para existir: “[...] isso equivale a dizer que cada coisa, corpo ou alma, se define por uma certa relação característica, complexa, mas eu também poderia dizer que cada coisa, corpo ou alma, se define por um certo poder de ser afetado” (DELEUZE, 2015, p.9). Encontros que afetam e que geram paixões. Tristes ou alegres, as paixões, nesse contexto, definem-se pelo poder de ser afetado (DELEUZE, 2015).

O “ser afetado” torna-se, assim, uma possibilidade de elucidar conceitos que muitas vezes são mascarados e acabam por arrefecer certas noções por as vincularem a uma racionalidade assentada em cálculos de previsão atestados pelo discurso técnico-científico sob a forma de relatórios, análises e procedimentos. Esta forma de compreensão não apenas distancia os

¹ Professora Doutora do Grupo de Pesquisa Indisciplinar (EA/UFMG) e do Grupo de Estudos e Pesquisas Socioambientais (GEPISA/UFOP).

saberes das pessoas diretamente afetadas pelo desastre-crime mas também os deslegitimam na medida em que, de acordo com Michel Foucault (1999), os “saberes das pessoas” – ou seja, os saberes que dentro de uma rede de poderes/saberes são, muitas vezes, desqualificados por contrastarem com saberes considerados científicos – são colocados, com frequência, na posição de saberes pouco elaborados, ingênuos, inferiores. São esses saberes, entretanto, que deveriam assumir o protagonismo que lhes cabe quando se busca tanto a definição dos impactos socioambientais provocados pelo crime como a pertença dessas mesmas pessoas na categoria de “atingidas”.

Os encontros² com essas pessoas e lugares, muito embora o “bicho vivo”³ tenha se estendido e venha se estendendo por 880 km – majoritariamente refazendo, reconfigurando e reconformando o caminho das águas do watu⁴ até que ele atinja sua foz no litoral do Espírito Santo – tem ocorrido, em grande medida, na cidade de Barra Longa/MG. Lugar que, conforme destacam seus moradores, “nunca dependeu da mineração para existir” – já que não recebe os royalties advindos da atividade minerária – “mas que agora depende da Samarco para sobreviver”. E como regente de um processo de reconstrução de vidas é a empresa que tem definido os merecedores de ressarcimento e o que deve ou não ser ressarcido. As perdas, nesses termos, estão largamente vinculadas ao que é material, mensurável e concretamente visível, o que não permite adentrar no universo múltiplo, heterogêneo e diverso daquilo que foi comido pelo “bicho vivo”. Se, por um lado, as fotos de fundo de gaveta que guardavam “as lembranças mais queridas de meu pai” jamais serão recuperadas, por outro, o que não pode ser objeto de captura pela lente de uma câmera é quase sinônimo de inexistência. É assim que, para a mineradora, “querer nossa cultura de volta” e compreender que “jamais vão pagar a história” soa tão estranho como pensar que se “conhecia cada palmo de terra daquele lugar” e que na ausência de tudo isso “o povo tá mudando e se atingir a cabeça das pessoas vai ser pior”.

Os encontros com/na cidade transformada em canteiro de obras – com dezenas de máquinas ruidosas espalhando a lama para mais além de onde ela conseguiu chegar; com as centenas de funcionários de empresas contratadas invadindo o cotidiano dos moradores; com caminhões-

² Os encontros com as pessoas atingidas de Barra Longa têm ocorrido a partir do trabalho desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas Socioambientais (GEPSA) formado por docentes de cursos diversos da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), dentre eles o curso de Arquitetura e Urbanismo.

³ Termo utilizado por uma das pessoas atingidas do município de Barra Longa/MG.

⁴ Watu é a forma como os índios Krenak nomeiam o rio Doce.

pipa que, vezes ao dia, ao lavar as ruas, levam de volta o pó constante à condição de lama – anunciam o espaço amputado, mas também a ausência das coisas desses lugares. Os encontros do dia a dia, a conversa jogada fora, a pelada e as festas ancoravam-se nas margens do rio do Carmo – afluente do Watu. Próximos e a eles entremeados, foram embora também os quintais das frutas e verduras que não apenas alimentavam o corpo, mas que ritualizavam para além desses alimentos as trocas afetivas entre vizinhos e complementavam a economia familiar.

Nesse contexto, fugir passou a ser uma estratégia e a impossibilidade da volta para o conhecido e familiar vem provocando outros encontros: com a morte, com o álcool ou com remédios que arrefecem as dores. Vem trazendo também desencontros: brigas, divisões, separações, intrigas. Paixões tristes que se multiplicam na medida em que o tempo não retorna alegrias. Pelos acontecidos, moradores e moradoras são, por assujeitamentos resultantes do embate entre poderes e saberes, transformados em “brigadores”, “encrenqueiros”, “devedores” e “insones”. Nomes dados aos que resistem e lutam por aquilo que é considerado como benefício. Benefício? Ora, “Nunca vivi da lama. Eu não durmo mais” e, além disso, “Benefício que não considero benefício. Eu tinha tudo, do alface ao alho”. Mas, infelizmente, “Hoje a gente está a mercê da boa vontade da empresa”.

Mas a potencia da resistência é uma onda de monumentalidade outra. “Não tem um dia que eu passo sem chorar. Mas também não tem um dia que não passo sem tentar”. Paixões alegres que potencializam o afeto.

DELEUZE, Gilles. **Cours Vincennes**: 24/01/1978. Tradução Francisco Traverso Fuchs.

Disponível em:

<<http://www.webdeleuze.com/php/texte.php?cle=194&groupe=Spinoza&langue=5>> Acesso em: 10 mar. 2015.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**: curso dado no Collège de France (1975-1976). Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.